



QUESTÃO 1

As chances de leitura desde o conceito de território na ciência geográfica podem ser muitas. Com diferentes marcos temporais e influências teórico-metodológicas, podemos abordar um conjunto de autores que pensaram e sistematizaram sobre este conceito. Pensar sobre a contribuição desses autores nos coloca, inclusive, a reflexão sobre as transformações e a própria construção do pensamento geográfico e sua constituição enquanto ciência.

Em outra maneira, podemos dizer que a história do pensamento geográfico demonstra, com perspectivas distintas, preocupações fundamentais com a natureza, com a sociedade e com a técnica. Cabe, contudo, destacar, que em cada período histórico essas preocupações são abordadas e analisadas de formas distintas, com influências metodológicas também distintas que marcam a trajetória de construção da metodologia no pensamento geográfico.

Desta maneira, sem seguir esta cronologia, podemos abordar o autor Milton Santos que faz em suas obras um grande esforço de reflexão e sistematização dos conceitos de natureza e técnica, situando-os no espaço geográfico e no tempo, entre dois conceitos importantes à ciência geográfica. Nesta reflexão o autor sugere uma metodologia de periodização da produção do espaço sintetizando, então, um conceito de grande importância à Geografia que é o conceito de meio técnico-científico-informacional.



Ao propor esta periodização, abordando as passagens do meio natural, para o meio técnico e daí para o meio técnico científico informacional, o autor contribui na reflexão da importância dos sistemas técnicos e qual o papel que esta técnica tem na mudança das relações entre tempo, espaço e natureza e sociedade em sua materialização no território. Assim, o autor também faz grande contribuição ao conceito de território. Atualizando este conceito bem como contextualizando as transformações dos territórios quando da incorporação da técnica e sobretudo da informação, da tecnologia necessária para a circulação da informação.

Não obstante, é importante abordar outros autores que em outros contextos históricos e geográficos fizeram contribuições ao conceito de território. Como o alemão Ratzel que abordava o conceito em escala de Estado-Nação, totalmente vinculado a ideia de território nacional e que bem se inseria ao contexto político da época de unificação da Alemanha. Esta abordagem sofreu diversas críticas e releitura, sobretudo, pela marcada perspectiva determinista em seu pensamento.

Outro autor é Claude Raffestin que diferenciando, em pouco da perspectiva determinista aborda o conceito de território junto com a perspectiva de poder, sugerindo o território como um sistema, um sistema territorial em que existem agentes de poder que se sobrepõem a outros agentes ou grupos. Esta perspectiva é,



contudo, a que vai abordar o território como conceito que extrapola ao território nacional e identifica outras relações de poder no espaço.

Milton Santos, assim como outros autores também vão abordar o conceito de território mediado pelas relações de poder. Autores como Marcelo Lopes de Souza com sua definição de território "por e a partir das relações de poder". O autor Rogério Haerbaert que mais contemporaneamente vai retomar o debate do conceito de território na ciência geográfica e aduzir nessa proposta, desdobrando sua abordagem para os conceitos de territorialidade, territorialização e reterritorialização discando assim, a abordagem do conceito mais dinâmica tal qual é a dinâmica atual da sociedade.

Discando de ser apenas uma categoria jurídico normativa (território nacional), o território além de uma categoria analítica (conceito), ganha importância e expressão como categoria política e várias serão as contribuições de autores da ciência geográfica. Autores como David Harvey, Doreen Massey entre outros vão fazer contribuições às muitas interfaces desse conceito e suas expressões contemporâneas como a que chamamos novas territorialidades. Muitas são os movimentos escalares de tempo e espaço para pensá-la.

Contudo, sabendo que não vamos esgotar o tema, vamos ainda reforçar a importante contribuição que alguns autores têm na interface entre os conceitos de



meio técnico-científico-informacional e territorial. Muito embora já tenhamos citado a centralidade teórico-metodológica do autor Milton Santos para esta interface, cabe ainda destacar ~~dois~~ outros muito pertinentes como Maria Laura Silveira que dialoga com Milton Santos abordando a incorporação técnica da informação no território brasileiro. Ademais, podemos citar a autora Ana Clara Torres Ribeiro que traz para a leitura do território e da ação uma pertinente abordagem da intermediação técnica e sociedade no espaço urbano construindo novas territorialidades.

Por último, arriscamos ainda pontuar a contribuição de Immanuel Castells que aborda o meio científico-informacional ao apontar a sociedade em rede e as dinâmicas da globalização, sugerindo, inclusive o que ele chamaria de informacionismo.

Vale pontuar, portanto, que este conjunto de autores não aborda em completa a gama de contribuições aos conceitos aqui trabalhados no todo da ciência geográfica. Representa um esforço de síntese de abordagens e que permitem, de certa forma, pontuar interfaces entre território e o meio técnico-científico-informacional no contexto do pensamento geográfico no Brasil.

QUESTÃO 2

O meio técnico-científico-informacional é marcado por mudanças estruturais nas esferas sócio-econômicas, culturais e geopolíticas. Essas mudanças têm sua centralidade na uso de novas tecnologias informacionais. Vários são os fatores a partir dessas mudanças que vão influenciar na emergência de novas territorialidades em diversas escalas.

É importante destacar que a globalização é pois uma dimensão emergente deste processo que vai relocalizar a questão territorial, uma vez que seus movimentos modificam os territórios estabelecendo comportamentos e implicando na produção própria do espaço e suas relações de dependência. A exemplo podemos citar como este processo de utilização de novas tecnologias informacionais vai, via globalização, reforçar as estratégias de especialização regional criando impactos em escala global.

Desta maneira, vemos neste contexto, identificar fatores que vão corroborar na emergência de novas territorialidades em escala global: o primeiro é a intensificação do processo de internacionalização do mercado; o segundo é, portanto, a consequência do primeiro que a crescente financeirização da riqueza, ou seja, a valorização da esfera financeira do capital criando um mercado cada vez mais monopolizado.



Os dois fatores são fundamentais para a compreensão de como a crescente competição entre as economias; a facilidade da circulação de pessoas e coisas, redefine as relações técnicas e sociais de produção. Esta redefinição pode ser vista no mundo do trabalho, com a ampla flexibilização da organização da produção, mas, sobretudo do trabalho.

Vale ainda destacar que o que chamamos aqui de redefinição das relações técnicas e sociais de produção implica na mudança dos padrões organizacionais do espaço como diz o autor Milton Santos em seu livro a Natureza do Espaço. Salamos, portanto, da centralidade da difusão de agentes econômicos que através das redes globais de informação mundializadas podem produzir e gerenciar uma organização social e territorial mais flexível, imprimindo uma mudança radical no mundo do trabalho e nas relações sociais-econômicas e culturais, bem como na natureza de forma geral.

Isso dito, os fatores que apontamos acima, na correlação ciência-técnica-informação vai comandar a produção e uso dos objetos, ao mesmo tempo que provocam ações e determinam normas. Ou seja, este processo de globalização das relações financeiras beneficiada pelas redes de infra-estruturas informacionais, como diz Castells em seu livro sociedade em rede, imprime no território inserções seletivas, assim como enormes áreas de exclusão criando padrões de conflitividade





no espaço e provocando, portanto, a emergência de novas territorialidades ligadas a este contexto em escala global.

A autora Saskia Sassen, Geógrafa, escreve em seu livro "As expulsões" publicado no Brasil em 2015, sobre o processo crescente de financeirização da riqueza no mundo - em crise do seu regime de acumulação - pode criar vastas expulsões. Ela aborda de análises de expulsões na perspectiva de abordar como a financeirização impacta no território criando conflitos territoriais e desterritorialização da ordem de milhões de pessoas.

Em contra-mão a este processo novas propostas de relações territoriais vêm sendo criadas em escala global. O autor David Harvey aborda muitas destas em seu livro "A cidade rebelde". Além das interseções de redes mundiais de movimento e denúncias como a plataforma "Land Matrix" que denuncia a compra de terras por empresas e poderes econômicos em várias regiões importantes do mundo.

Outras propostas também imprimem novas territorialidades e vêm de emergências políticas que abordam a valorização da identidade, a coesão e a solidariedade, circuitos solidários de economia e novas tecnologias que possam mudar a localização dos monopólios econômicos extraregionais se contrapõe ao cenário global de perda dos direitos territoriais.

QUESTÃO 3

O meio técnico-científico-informacional está organizado no espaço geográfico brasileiro entorno de fluxos de informação que, ao mesmo tempo, unem e separam os territórios. Existe, portanto, um regime sociotécnico dominante cuja diga autora seja Maria da Conceição Ribeiro. São sistemas técnicos que a técnica se torna território em sua incorporação com objetos técnicos e insumos técnicos científicos, sobretudo, informação. Ou seja, estamos dizendo que a informação é pois o vetor fundamental dos processos sociais e, o território é, portanto, equipado para facilitar a sua circulação. Essas são ideias importantes de Milton Santos e Maria Laura Silveira em seu livro Brasil: Território e Sociedade no século XX, ao analisar a incorporação técnica e da informação no território brasileiro.

Para analisar como este meio técnico-científico-informacional pode expor as desigualdades socioambientais existentes no território brasileiro, precisamos analisar o próprio processo de incorporação técnica no território levando em consideração as transformações na relação sociedade e natureza no país, bem como as relações e desequilíbrios na concentração de recursos tecnológicos em determinadas regiões em detrimento de outras.



O processo de "modernização técnica e tecnológica" no território brasileiro segue as tendências das regiões encontradas no país que estão vinculadas ao próprio processo de industrialização e urbanização do país. Este processo de industrialização e modernização dialoga ainda com as propostas políticas modernizantes do território que vão imprimir no território perspectivas e projetos de desenvolvimento e organização localizando em áreas seletivas, concentradas ou não e com ~~espaço~~ papéis específicos na economia nacional.

As políticas de cunho modernizante vão criando um arranjo espacial de regiões modernas, encontradas em detrimento de regiões "atrasadas". Contudo, atualmente este padrão guarda alguns desequilíbrios embora seja importante considerar que o território brasileiro tem significativa incorporação técnica e tecnológica em toda sua extensão, guardadas algumas diferenças. Essas diferenças podem, todavia, serem analisadas a partir das distribuições de meio técnico-científico-informacional marca do tempo e no espaço.

A seletividade espacial, do meio técnico-científico-informacional materializada no espaço pode expor as desigualdades e os desequilíbrios socioambientais existentes no território brasileiro em diversas escalas. Por seletividade espacial abordamos que a união entre a técnica e a ciência acontece

mediada pelo mercado e que as decisões e organizações do fluxo de informações e, por sua vez, de seu sistema técnico-científico incorporados ao território é igualmente mediada pelo mercado. Isso implica que os agentes econômicos foram e são os determinantes da distribuição do meio técnico-científico-informacional no Brasil e, da sua produção das desigualdades socioambientais.

A esse respeito podemos analisar os avanços de espaços para áreas industriais, e áreas para a agricultura por exemplo. Assim como em escalas menores que seguem o espaço em ambientes urbanos. É importante ressaltar que as desigualdades socioambientais no território brasileiro estão alinhadas ao modelo de que chamamos de crise global sistêmica, onde a necessidade de energia barata, água abundante e clima estável coloca o Brasil como país fundamental para natureza disponível. Isto contribui para uma degradação ainda mais acelerada das coordenadas ambientais do país. Gerando graves impactos de perda de espécies e biomas no território, agravando ainda mais os conflitos socioambientais em todo território. Colocando em pauta a pertinência das informações estratégicas das populações nos territórios sobre os recursos naturais no país, assim como as denúncias a respeito das pressões e encaminhamentos, violentos inclusive, desses recursos.